

FOTO CINE

Boletim

ANO VII — N.º 78





AnSCO

uma garantia para
profissionais e amadores

MESBLA

Rua 24 de Maio, 141 - SÃO PAULO



Filmpack

FILMES: Filmplano

Rollfilm branco / preto e colorido

Filme para Raio X

Filme para Artes Gráficas

Filme 35 m / m negativo

Filme reversível de 8 e 16 m/m branco/preto e colorido



Ver e vencer com a Rollei

CONCORRA AO
Grande Concurso Fotográfico Nacional
"Rollei":

"ASSIM EU VEJO O BRASIL"
Cr.\$ 20.000.00 em prêmios!

Peça o regulamento e boletim de inscrição
ao seu fornecedor ou á

H. SCHNEIKER & CIA.
Cx. Postal, 294 — CURITIBA, Pr. — ou ao
FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE
Rua Avanhandava 316, S. PAULO.



Rolleiflex
Rolleicord

Grande concurso nacional "ROLLEI"

"ASSIM EU VEJO O BRASIL"

Com o intuito de divulgar através da imagem do Brasil, suas belezas e suas realizações, a firma "FRANKE & HEIDECHE", produtora dos afamados aparelhos fotográficos, "ROLLEIFLEX" e "ROLLEICORD", por seus representantes e distribuidores no Brasil, "H. SCHNEIKER & CIA." de Curitiba, e sob o patrocínio do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, de São Paulo, promove este grande concurso, para o qual têm o prazer de convidar V. S., e cujo regulamento é o seguinte:—

REGULAMENTO

- 1 — O concurso versará sobre o tema "ASSIM EU VEJO O BRASIL", abrangendo cousas e aspectos típicos e característicos do Brasil, suas paisagens, cidades, cenas típicas e folclóricas, usos e costumes, tipos característicos do litoral e do interior, lavoura, etc., etc..
- 2 — Somente poderão concorrer ao certame, fotografias colhidas com aparelhos ROLLEIFLEX ou ROLLEICORD, devendo o concorrente indicar, no boletim de inscrição, além de outros dados técnicos de cada fotografia, o aparelho usado e respectiva objetiva e número.
- 3 — Poderão concorrer quaisquer fotografos residentes no Brasil, amadores ou profissionais, filiados ou não aos Clubes e Entidades fotográficas.
- 4 — Cada autor poderá inscrever até quatro fotografias, no tamanho mínimo de 18 cms. no lado menor e máximo de 40 cms. no lado maior, devendo os trabalhos serem entregues SEM MONTAGEM. Os trabalhos deverão ser executados exclusivamente em branco e preto, devendo o autor indicar, sempre que possível, no verso dos mesmos, os respectivos dados técnicos, e o seu pseudônimo e número de ordem.
- 5 — Aos dez melhores trabalhos, além dos diplomas correspondentes, serão conferidos prêmios, no valor, respectivamente, de: 1.º — Cr\$10.000,00; 2.º — Cr\$5.000,00; 3.º — Cr\$2.000,00; 4.º ao 10.º — Cr\$500,00 cada.
- 6 — Os trabalhos inscritos serão selecionados por uma comissão de cinco membros, um dos quais será obrigatoriamente um representante da "FRANKE & HEIDECHE" no Brasil e os demais nomeados pela Diretoria do Foto-cine Clube Bandeirante.
- 7 — Essa comissão selecionará os melhores trabalhos, num mínimo de cem, sendo o julgamento e premiação final feito pela firma FRANKE & HEIDECHE, em sua sede, Braunschweig, Alemanha.
- 8 — Além das fotografias premiadas, a fábrica reserva-se o direito de aproveitar as restantes fotografias que julgar de interesse, a seu critério, para publicações, em livros, revistas, reproduções, diapositivos, etc., pagando pelos direitos de reprodução, para cada negativo, Cr\$200,00 a Cr\$300,00.
- 9 — Para os fins do item supra, os concorrentes que tiverem fotografias premiadas ou escolhidas, obrigam-se a ceder os respectivos negativos á fábrica "FRANKE & HEIDECHE", pelo prazo de um (1) ano, obrigando-se, por sua vez, a firma a devolvê-los findo esse prazo, tenha-os ou não aproveitados.
- 10 — Os retratos ou fotografias em que figurem, destacadamente, pessoas e personalidades, deverão ser acompanhados da necessária autorização da pessoa retratada, para reprodução do mesmo.
- 11 — A entrega ou pagamento dos prêmios e direitos de reprodução será feita pelo representante da "Franke & Heidecke" no Brasil, contra entrega do respectivo negativo.
- 12 — O patrocínio e organização do concurso em todo o Brasil é entregue ao FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, com sede em São Paulo, á R. Avanhandava, 316, ao qual **deverão ser remetidos os trabalhos e boletins de inscrição.**
- 13 — Para se inscrever, o concorrente deverá preencher os respectivos boletins de inscrição, no primeiro dos quais constará apenas a relação dos trabalhos inscritos, aparelho usado e número da respectiva objetiva, e o PSEUDÔNIMO do autor. O nome e endereço do concorrente, deverão constar em envelope fechado, acompanhado da **cópia direta** de cada trabalho, trazendo o envelope, na frente, apenas o pseudônimo.
- 14 — O prazo para entrega dos trabalhos encerrar-se-á impreterivelmente, no dia 31 de outubro de 1953.
- 15 — O ato da inscrição implica, por parte do concorrente, na aceitação de todos os dispositivos deste regulamento.



com
CLICHE'

boa
REVISTA



CLICHES

Fortuna

FONE: 32-3492

ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

Grande sortimento de tôdas as marcas de aparelhos e
acessórios fotográficos importados da
Alemanha e Estados Unidos.

x) Descontos especiais aos sócios do Foto-cine Clube Bandeirante.

ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

SÃO PAULO — BRASIL

**KOSMOS
FOTO**
ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS
RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO

MAR
CUS



Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima**Antonio S. Victor**

Correspondentes no

Estrangeiro:

Alvaro Sol
Argentina**Marius Guillard**
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**
Roma, Itália**Ray Miess**
Wisconsin, EE. Unidos**Georges Avramescu**
Arad, Rumania

Redação e Administração:

R. São Bento, 357 - 1.º and.**São Paulo — Brasil****NOSSA CAPA**

Foto de

EDUARDO SALVATORE

(F. C. C. B.)

S. Paulo

SUMÁRIO

A NOTA DO MÊS	7
J. DIAS AMORIM	8
DJALMA GAUDIO	
A PAISAGEM SIMBOLISTA	10
GUILHERME MALFATTI	
O XI SALÃO — Dois comentários	16
ALVARO GUIMARAES JR. e	
R. H. CAMPOS	
EXPOSIÇÃO FRANCISCO ALBUQUERQUE	24
CONCURSO "ALEJANDRO C. DEL CONTE"	25
ORIENTANDO O AMADOR	27

— ● —

ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO
EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS
SALÕES — VÁRIAS.

— ● —

Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro	Cr.\$ 60,00
Para o exterior	Cr.\$ 100,00

ÓRGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Tôda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

SOCORRO MECÂNICO

GRATIS!



é apenas uma das muitas vantagens garantidas aos nossos sócios!

Economise muito dinheiro com seu carro tornando-se sócio do Automóvel Club do Estado de São Paulo; com a modesta anuidade paga, V. S. receberá muitas vezes multiplicada a importância dispendida, pelas muitas vantagens que lhe são oferecidas.



POSTOS DE ASSISTÊNCIA EM:

S. PAULO: R. Martim Francisco, 53
Fone: 52-5713

SANTOS: R. Senador Feijó, 215
Fone: 2-5682

CAMPINAS: Será instalado brevemente.

Para bem servi-lo



Departamento de Socorro Mecânico - Departamento Jurídico
Departamento de Seguros e Acidentes - Departamento de
Informações - Departamento de Turismo - Departamento de
Despachos - Departamento de Mensageiros - Departamento
do Interior - Departamento de Oficinas,
Garagens e Postos de Serviço.



AUTOMÓVEL CLUB DO ESTADO DE SÃO PAULO

o mais completo serviço de assistência mecânica do Brasil

FUNDADO EM 1935

A Nota do Mês

“Pero comparemos las cifras y calidades en el Concurso Fotografico Latinoamericano “Alejandro C. Del Conte”. Debemos reconocer que los brasileiros fueron superiores em cantidad y calidad; asi, Foto Cine Clube Bandeirante, de San Pablo, merece una mención extraordinaria por su labor fotografica.”

(EDWIN HALLE, em “Correo Fotografico Sudamericano”, n.º 696, pg. 8).

Foi, na verdade, magnífico o êxito da fotografia brasileira no memorável Primeiro Concurso Latino-Americano “Alejandro C. Del Conte”, realizado há pouco, em Buenos Aires, cultuando a memória do dinâmico e entusiasta fundador do prestigioso “Correo Fotografico Sudamericano”.

Essa esplêndida vitória — da qual damos notícia mais detalhada em outro local deste Boletim — num concurso de extraordinária categoria onde estiveram em direto confronto as mais prestigiosas entidades e os mais renomados artistas-fotógrafos da Argentina, Brasil, Chile, México e Uruguay, adquire, entretanto, um significado mais largo e profundo do que o registro de apenas mais um êxito do Foto-cine Clube Bandeirante.

É bem o corolário dos esforços e do trabalho fecundo por êle desenvolvido desde a sua fundação, para dotar o Brasil de uma consciência fotográfica e que estamos assistindo, com legítimo orgulho e satisfação, desabrochar no número cada vez maior de agrupamentos de aficionados e estudiosos que, dia a dia, surgem em todos os recantos do país.

Há apenas 10 anos, quando nos demais países a fotografia artística já estava largamente difundida, atingindo um nível bastante elevado, entre nós ela só existia confinada a círculos muito restritos e aos esforços individuais de alguns poucos estudiosos. O caminho percorrido desde então, graças ás atividades do F. C. C. B., foi deveras surpreendente e hoje S. Paulo e o Brasil detêm a hegemonia fotográfica na América Latina, conforme vem de ser brilhantemente reafirmado no certame que comentamos.

Alejandro C. Del Conte foi dos primeiros, quando o F. C. C. B. desfraldou a sua bandeira, a trazer-lhe o apóio de sua experiência e sabedoria, inclusivé com as famosas e substanciosas “carpetas” de sua revista, através das quais artistas do grande país amigo nos traziam (e trazem todos os anos) a sua valiosa colaboração. Acompanhou sempre com especial carinho e interêsse, tôdas as realizações bandeirantes, não regateando palavras de incentivo e de fé.

Vencendo de forma tão brilhante a primeira disputa do Troféo “Alejandro C. Del Conte”, e conquistando a quase totalidade dos prêmios individuais destinados aos concorrentes estrangeiros, o F. C. C. B. e seus associados prestaram á memória do insigne mestre desaparecido há pouco menos de um ano, a sua melhor e mais expressiva homenagem.



J. DIAS AMORIM

Com o falecimento de J. DIAS AMORIM perdeu o Brasil um dos mais destacados vultos na história do seu desenvolvimento fotográfico.

O F. C. C. B. rende homenagem à memória do ínclito cidadão cuja ligeira biografia nos é traçada pelo Dr. DJALMA GAUDIO, amigo pessoal do extinto e também uma das glórias da fotografia brasileira.

Não foi promissor para a fotografia sul-americana o ano da graça de 1952. Em fevereiro, falecia na Argentina, sua pátria, o grande idealista e lutador que foi Alejandro Del Conte, que dedicou com entusiasmo grande parte de sua vida ao desenvolvimento e à divulgação da Arte Fotográfica no continente sul-americano. Em novembro, cobre-se novamente de luto a fotografia: falece no Rio de Janeiro, seu torrão natal, após longa enfermidade, J. Dias de Amorim, que foi um dos mais destacados cultores e um dos mais entusiastas pioneiros da Arte Fotográfica em nosso país.

Desde muito cedo, J. Dias de Amorim, dedicou-se a prática dos esportes e já demonstrava grandes pendores pelas artes.

Assim, nos primórdios de sua mocidade foi campeão de ciclismo e mais tarde, de tiro, em competições internacionais.

Não se detiveram aí suas atividades esportivas. O iatismo o seduziu, voltou-se para êle com entusiasmo. Manobrava o velame com segurança e habilidade e a navegação á vela para êle não tinha mistérios.

Todavia o que lhe tomou maior parte de sua vida, maior atenção e carinho foi sem dúvida a Fotografia, nunca mais abandonou-a e conservou até o final de sua vida o mesmo entusiasmo inicial.

Terminando os preparativos, que fez com raro brilho, ingressou J. Dias de Amorim, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Sempre em dia com os trabalhos

escolares, tornou-se um dos pioneiros da sua turma.

Estudioso, acompanhava com grande interesse o progredir da ciência, sua biblioteca era uma das mais completas.

Pesquisador paciente, o laboratório não tinha segredos para êle, a química não possuía mistérios, manipulava-a com segurança.

Abordou com rara maestria todos os processos fotográficos: o brometo, o colóidio, o óleo, o bromóleo transportado, o carvão, a goma bicromatada, a platinotipia e a foto cerâmica, para êle não apresentavam dificuldades; senhor da técnica fazia-os com perfeição.

O Bromóleo, tinha em J. Dias de Amorim, um grande mestre. Conhecia como poucos sua técnica e todos os segredos e truques do processo.

Quando Humberto Zappa, divulgou pelas páginas do "Correo Fotografico Sudamericano" n.º 531, de dezembro de 1945, seu processo de "Fazer bromóleo em tempos difíceis —, muito tempo antes já J. Dias de Amorim, os fazia e ensinava fazer bromóleos com os papeis comuns de brometo de prata. Senhor da técnica da "Fotocerâmica", são bem conhecidos e admirados seus trabalhos neste gênero da arte fotográfica.

J. Dias de Amorim foi também um destacado "cineasta". Possuidor de um grande poder de apreensão, em pouco tempo tornou-se senhor da técnica de filmar. Sua aparelhagem era das mais modernas e completas. De valor sua filmoteca. Seus filmes apresentavam ao lado de boa técnica, composição e enredo.

"Arredores do Rio de Janeiro", "Dia da Raça", "Viagem á Ouro Preto", "Viagem ao Prata", "São Paulo", "E. do Rio", "Flores e frutos", "Bahia de Guanabara" e "Pescar", os principais.

Modesto em excesso, J. Dias de Amorim, raras vêzes apresentava-se em público. Por princípio não participava dos salões internacionais; satisfazia-se em ensinar, divulgar e pesquisar; preferia o silêncio

do laboratório. Ensinando, orientou inúmeros amadores na arte fotográfica. Divulgando a fotografia, escreveu numerosos artigos, verdadeiras lições de arte. Pesquisando, possuía técnicas próprias.

Não foi só nas artes que J. Dias de Amorim se destacou, e que foi um dos pioneiros. J. Dias de Amorim foi também destacado "musicista". Com outros idealistas, amantes da boa música, organizou e dirigiu uma orquestra — seu instrumento era a flauta, que tocava com maestria. Não foi só o profissional capaz e o artista notável, Dias de Amorim foi também pae estremoso, vivia para o lar e para a família.

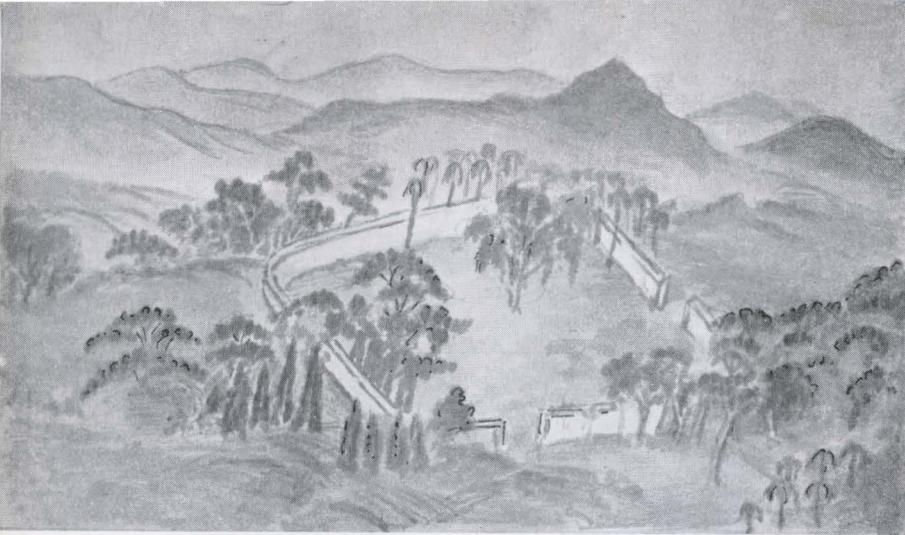
Gênio jovial, culto e educado, Dias de Amorim sabia fazer de cada um que dêle se aproximava um amigo. Espírito caridoso, jamais negou-se a socorrer os que dêle necessitavam auxílio.

Nasceu o Dr. J. Dias de Amorim aos 14 de Junho de 1880, na cidade do Rio de Janeiro. Bacharel em ciências e letras pelo "Colégio Pedro II"; Engenheiro Civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro; major da Reserva do Exército; Fundador e diretor do Tiro de Guerra n.º 7; fundador do Clube de Natação e Regatas, do Clube de Regatas de Icaraí; sócio fundador do Iate Club; fundador e diretor presidente do Foto Clube Brasileiro; fundador e diretor do "Fotograma"; vice-presidente da Sociedade Fluminense de Fotografia; do Touring Club do Brasil e do Automovel Clube.

Desapareceu J. Dias de Amorim aos 72 anos de idade, em 22 de novembro de 1952. Deixa 2 filhos varões, noras, netos e inconsolável sua espôsa que foi sempre amiga dedicada.

A memória de J. Dias de Amorim, todo meu respeito; ao amigo uma saudade.

Djalma Gaudio — F. C. C. B.



Chao-Meng-Fu

(AD — 1254-1322)

A Paisagem Simbolista

GUILHERME MALFATTI — F. C. C. B.

Demos no Boletim n.º 73 uma análise superficial da paisagem, dividida em períodos que indicassem um passo geral de evolução. Infelizmente este caminho não pôde, no caso da China, seguir o seu progresso histórico como na arte ocidental. Tínhamos fatalmente que passar do impressionismo para um processo de evolução, buscando o imaginado.

Em França, na época do impressionismo já os músicos e poetas tinham abraçado o simbolismo com movimentos culturais e artísticos notáveis; o curioso é que os pintores não tinham alcançado a pintura simbólica. O simbolismo pitórico já imperava na China, onde essa pintura nasceu (A. D. 618-906), sem contar a tradição anterior.

No período Tang fazia-se pintura caligráfica, visando assim principalmente as linhas e não as côres. O seu claro-escuro era usado apenas como força de expressão, de solidez e também como névoa ligando os planos distantes; auxiliando a perspectiva aérea. Todos os elementos da paisagem chinesa tomam a forma imaginada, fugindo sempre da realidade, e pode ela então, ser classificada de simbólica; pois cada elemento, simboliza todos os elementos da sua classe.

Quando em 1350 A. D. "Ku An", pintou na sêda as rochas de uma cachoeira com os bambús batidos pela ventania, não estava pintando aqueles bambús e aquelas rochas, mas procurando transportar para a tela, todo o idealismo de uma forma universal. O seu quadro pode representar a sua mensagem estética em todos os tempos. "Chao Po-Chú" nos dá a entrada num palácio imperial com os estandartes, a procissão, tudo entremeado de nuvens e salgueiros no primeiro plano, com pagode montanhês e um infinito vago para não perder o costume nacional.

Nós todos temos uma atração irresistível para a contemplação dos penhascos e ravinas de tôdas as nossas serras. Os paisagistas chineses quando pintam sonham com penhascos de altura quase inconcebível, a neblina pousada nos seus pés e as características árvores esgalhadas sôbre as rochas. O elemento humano é usado como pequeno acessório e há em baixo, à esquerda, um lugar ideal para a colocação de um personagem com o barco e a mesa, observando aquele panorama de fantástica beleza.

Os deuses e imperadores legendários povoam os céus dos panoramas, distribuindo a semente da fertilidade à

humanidade faminta, ou como um ente supremo, acima de tôdas as alturas naturais, o fundador sereno da religião do oriente. O imperador "Hui T. Sung" fez, em tinta nankim, um galho de casuarina com dois passarinhos no espaço, brigando, e o objeto da disputa alarmadíssimo. A colocação dos elementos é perfeita e a execução simplesmente maravilhosa. As paisagens do imperador também não deixam nada a desejar, e há uma em plena tempestade que é notável, pois a própria maneira de manchar os vários tons de neblina e chuva, o movimento das árvores e o personagem com o condão e os cabelos esvoaçantes, tudo dá a impressão de uma borrasca.

Há uma análise de um grande panorama: O primeiro plano em geral situado numa diagonal da parte baixa da composição nos dá muitas vezes um ambiente de vida rural, com a casa, um terraço, e alguém dentro do terraço da casa, nas imediações há alguns trabalhadores rurais e o terreno com pinheiros agrestes e hirtos de pontas e troncos contorcidos. Adiante da casa vemos então uma ponte em duas lajeiras e um rio. A ponte tem as suas características escoras de madeira lavrada. Do outro lado do rio principia a estrada que se estende pela região montanhosa. Aparece além uma cachoeira, com os fios de água caindo pela rocha íngreme, e, em frente um carramanchão para a sua cômoda contemplação; e a estrada segue, atravessa um bosque de pinheiros, dá uma derivação para a casa boa de um fazendeiro e segue pela montanha acima chegando a um lugar

sagrado, onde vemos um pagode à beira do precipício, e, numa esplanada uma alta torre com quinze telhados sobrepostos.

Além do ambiente sagrado, continua a subir a montanha formando penhascos íngremes e com as cristas cobertas de vegetação torturada pelos elementos. Mais além ainda meio perdido na névoa, vemos uma sucessão de píncaros dando ao observador a impressão de mistério das paisagens inatingíveis. Esta é a tela pintada em seda por "Kuo Hsi" (A. D. 1020).

A forma ritimada em paisagem também foi bastante explorada, formando uma sucessão de pirâmides com as névoas separando os planos. Há ainda a colina com o tópo arredondado (característico em Campos do Jordão), e que dá de um lado a parte alta da serra lá em baixo a planície com a sua distante vida rural, com os seus campos e florestas, não esquecendo ao longe a serra calma e indefinida; tudo segue mais ou menos um movimento que dá á composição uma certa impressão de musicalidade.



"Kuo Hsi" (AD 1020)

O fito principal dêste artigo é justamente o de procurar um caminho para a nossa paisagem. Ser absolutamente contrário a cópia ou imitação da expressão artística antiga oriental—mas a obra executada neste campo pelos orientais é tão maravilhosa e tão superior a da grande maioria dos europeus que os seus elementos mais notáveis se tornaram preciosidades algumas de incalculável valor artístico.

Há uma relação íntima na maneira em que a natureza dispôs as cousas brasileiras e chinesas. Felizmente deixou ao Brasil uma vegetação tão individualizada que o elemento oriental é obrigado à uma transformação radical.

Fica como lição a procura dos elementos que simbolizem a vida rural nacional e, os elementos e aspectos paisagísticos que caracterizem as diversas regiões de nossa terra.

O chinês pintou e bordou gloriosamente a sua China imaginária; os seus artistas procuraram sobrepujar a sua própria natureza. Nós no Brasil temos um país recamado de maravilhas naturais, e, é um programa guardar para o futuro a paisagem da nossa terra. Para que seja feita obra digna é necessário uma grande dose de amor, de cultura refinada, para esta bem difícil arte.

Não encontramos no oriente grande tendência para a marinha e isto devido a possuírem os chineses uma enorme extensão de terras. Conosco a paisagem marítima, (provindo os nossos antigos de ex-navegantes e desbravadores) é ela uma aspiração constante dos nossos ideais.

Com algumas considerações sobre a marinha terminamos êste artigo para passar em seguida ao movimento abstrato, e, antes que dê nervoso em muitos dos nossos leitores, voltamos à marinha. Avisa-se aos amadores, que a maior dificuldade dêste gênero de composição é o horizonte do próprio mar que aparece quase sempre como uma

linha reta separando céu e água, e há aí qualquer cousa de perpétuamente duro.

A linha do horizonte é aceitável com um mar e um céu que entrem com a linha dominante na mais perfeita harmonia e êste caso nas suas condições perfeitas é tão raro que nos contentamos quase sempre com a fatalidade: uma vez que nas nuvens ou no mar haja um elemento de indiscutível interesse.

Prefiro procurar uma elevação, e assim ganho aos pés da composição, um contôrno mais variado e interessante.

No mar o claro-escuro como rendimento é de uma importância fundamental. Não basta dar um fundo cinza com umas placas brancas, feito ondas. E' preciso lembrar que o mar como uma figura, tem uma epiderme e uma expressão característica. As nuances na espuma e as rugosidades da sua pele com os seus reflexos fazem a fisionomia do mar.

Quando alcançamos com a marinha a imagem correspondente a um estado de alma, alcança a marinha a sua verdadeira expressão espiritual. Para isso é necessária uma técnica tôda especial, e, aqui prestamos homenagens a "F. J. Mortimer" campeão inglês do pictorialismo marítimo, e, editor do "Photograms Of The Year".

A PAISAGEM ABSTRATA

Naturalmente comentando a paisagem sob êste aspecto chegamos ao ponto final da evolução. O contemplador, a contemplação individualizada e ainda representando a realidade, e, afinal agora o abstrato entrando portas a dentro no reino do imaginário. Há já no abstrato uma série de escolas que procuram sempre campos e expressões novas; uma das mais impressionantes é o surrealismo onde os objetos conservam a nitidez de forma como reais, sendo imaginários. Há na fotografia um campo análogo e já ex-

plorado por Weston no que concerne a vegetação morta, (também algum pássaro em decomposição) e, outros têm procurado dar aspectos da paisagem neste sentido.

Ultimamente o abstrato tem entrado em ritmos quase musicais de formas indefinidas, e, a paisagem abstrata é o espaço imaginário. Quanto de grande e inconcebível e até de imenso

pode ter o espaço ocupado pela fantasia e pela imaginação, e como produzir isto com a fotografia? Claro que o artista pode usar aí vários métodos; desde os ambientes naturais que exprimam o conceito abstrato até os que de fato são formados com todos os elementos imagináveis, segundo a intenção do artista.

Há um enorme perigo para o artista, e, pode êle mostrar tôda a sua potên-



cia espiritual, a sua miséria, e, até a sua falta de boa fé. E' sempre preferível o abstrato que tenha um conceito — não há arte sem concepção por mais subtil e abstrata que seja.

E' muito difícil fazer uma paisagem representando um luminoso e espiritualizado nível mental, e, contudo êste espaço existe e tenta-se procurar alguma coisa que o represente e o imite, e, como é claro: tudo isto é puro, puro abstrato.



O 11.º Salão Internacional de S. Paulo, permanecem aberto na Galeria Prestes Maia, durante 40 dias, tendo sido visitado por cerca de 130.000 pessoas. No cliché um aspecto da magnífica mostra fotográfica.

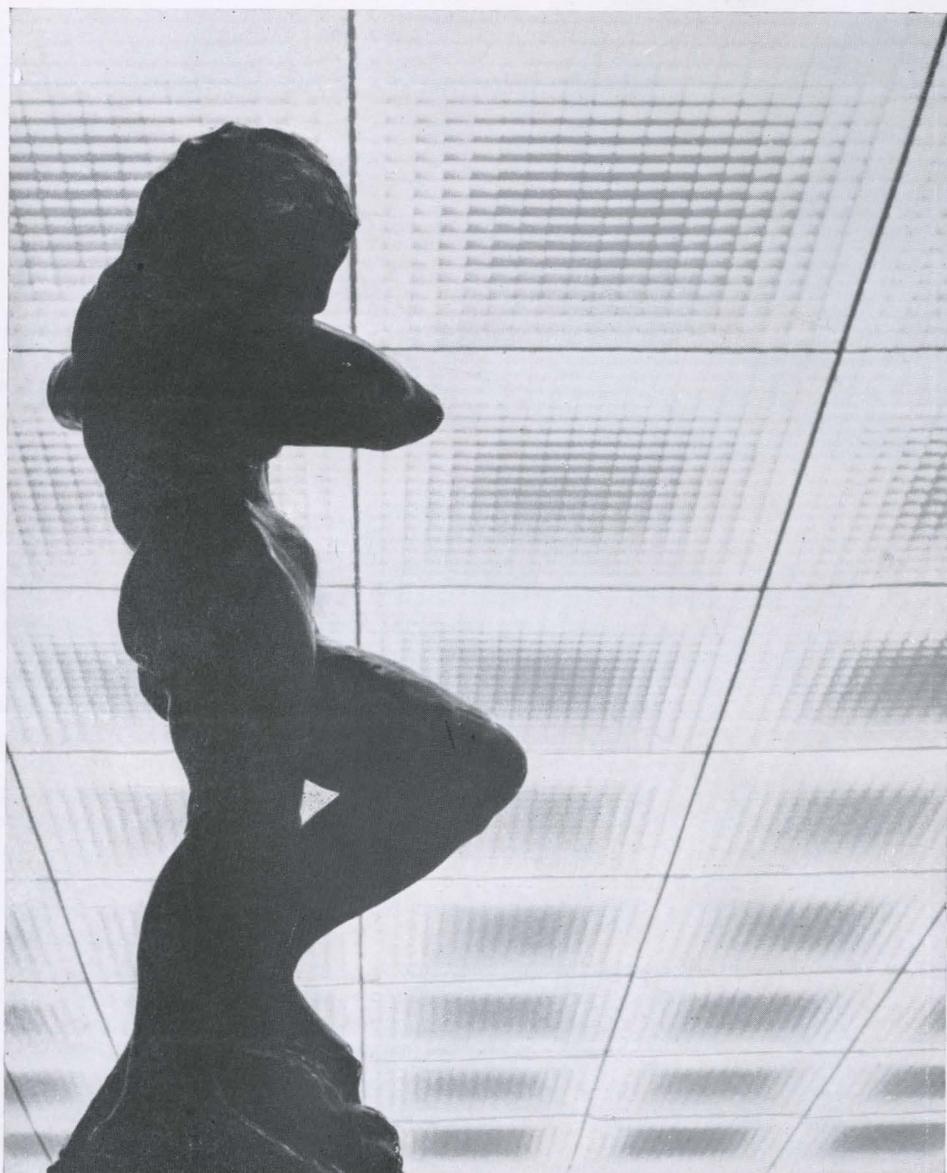
"ESBOÇO"

Roberto Godoy Moreira — F. C. C. B.

S. Paulo.



(Do XI Salão Internacional de São Paulo)



«Do XI Salão Internacional de São Paulo»

"MUSEU"
Antonio S. Victor — F. C. C. B.
S. Paulo.

O XI Salão Internacional de Arte Fotografica de S. Paulo

Dois Comentários

Como os anteriores, o XI Salão Internacional promovido pelo F. C. C. B. despertou a atenção dos meios artísticos paulistanos, merecendo especiais referências da crítica especializada. Publicamos neste número dois comentários sobre o último certame, deixando ao leitor a grata tarefa de encontrar os pontos de acôrdo ou de divergência que, por sua vez, revelam as tendências artísticas dos comentadores...

I^o

por Alvaro Guimarães Jr.

I

"For the most of us, fun in amateur photography is getting the most from ourselves, not the most from our cameras!" (1)

Carl H. Claudy — "Knockout!" The Camera Magazine — Sept. 1951 - p. 99.

U'a mostra fotográfica de cunho internacional consiste, sempre, em belo espetáculo para os iniciados e adeptos da Fotografia.

Como sói acontecer anualmente, proporcionou-nos êsse espetáculo o Foto Cine Clube Bandeirante, ao fazer realizar na ampla Galeria Prestes Maia, em São Paulo, o seu XI Salão Internacional de Arte Fotográfica, ao qual não deixamos de comparecer.

Ao manusearmos exemplar do catálogo da mostra fotográfica verificámos que à aludida mostra concorreram nada menos de vinte e oito países representados por número considerável de agremiações fotográficas. Outrossim, no que concerne à secção monocromática, verificamos, pela leitura do quadro demonstrativo inserto, que as inscrições atingiram o elevado número de 1.435 trabalhos fotográficos submetidos à comissão de julgamento tendo sido admitidos 259 fotografias, à exclusão de 20 trabalhos do júri de seleção. O número maciço de inscrições diz bem a

bom conceito que goza o salão paulistano, como também a percentagem elevada de rejeições é forte indicio de apuramento esmerado.

Não obstante desejarmos repetir muito do que escrevemos em nossas "Impressões..." do salão anterior, publicadas no Boletim do Foto Cine Clube Bandeirante, sofreamos êsse nosso ímpeto, pois, proceder dêsse modo, mais seria plagiar a nós próprios e constituiria, então, o que dissessemos, fatuidades já conhecidas. Diremos, porém, desde já, não obstante as "... duas linhas de crítica", que o XI Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, promovido pelo Foto Cine Clube Bandeirante, com o patrocínio do F. I. A. A. P. e da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, se faz digna, por todos nós adeptos sinceros dêste meio de expressão — a fotografia, — do nosso maior respeito e da nossa mais calorosa acolhida, pelo que encerra em sí de representativo na fotografia de nossos dias.

Na apresentação do catálogo a diretoria do F. C. C. Bandeirante já nos previne de que os trabalhos se apresentam "... sem discrepâncias quanto ao sentido unitário do conjunto,..."; asserção essa não destituída de bom senso. Também notamos

A tarefa de montar o salão é árdua e nela colaboram diretores e associados. Nos clichês, Marcel Giró e Ademar Manarini, dois dos mais destacados valores da nova geração bandeirante, em pleno trabalho.

essa uniformidade de apresentação quanto ao acabamento fotográfico na maioria dos trabalhos exibidos. Essa uniformidade, no entretanto, a nosso ver, sofre reservas; não é integral. Nem poderia ser. Uniformidade sôbre ser tarefa improfícua é coisa difícilíssima em salões internacionais onde as tendências se entrecrocam e os gostos e acabamento variam. Exemplifiquemos a quebra de uniformidade.

Há, no salão, meia dúzia de fotografias que sobresaem às demais; não muito, porém, o bastante para colocarmos-as à parte; por conseguinte, constituem essas fotografias quebra de uniformidade do conjunto. Desta meia dúzia, as duas principais, em nossa apreciação, são: "Every Sunny Morn at 10", de James A. McVie; e "Crystal pattern", de Lowell Miller. São belos trabalhos, sobretudo o primeiro, onde à apurada técnica fotográfica alia-se o tema, o qual, por si só, tornaria, se regularmente acabada a fotografia, trabalho distinto.

Trabalhos há, no salão, como os há em quase tôdas as mostras desse gênero, os quais, em nosso parecer, são bem fracos quanto ao seu acabamento ou apresentação. Apontá-los individualmente de modo franco iria ferir, abusivamente, susceptibilidades. Preferimos política mais consentânea com o nosso pendor; faremos duas linhas de crítica de maneira subtil no sentido de colocar a crítica fotográfica em nível mais elevado. Se houver alusão



a êste ou àquele trabalho perdoem-nos a comissão de seleção e os nossos possíveis leitores; aquela, por merecer os nossos mais sinceros aplausos pela árdua tarefa de se ter esforçado por bem servir o público; êstes, pela tolerância com que possivelmente encararão estas duas linhas de crítica.

II

"The human eye can see fast motio clearly and distinctly. It can see planes, a championship diving contest or a racing automobile without any blurring." (2)

Attributed to Anton Bruehl — "Anton Bruehl" — article by Mildred Stag in "Modern Photography" — Sept., 1951, p. 97.

Já constitue ponto rotineiro a asserção de que as características peculiares de quaisquer modo de expressão artística resultam dos materiais que o artifice emprega. Partindo dessa premissa verificaremos que a fotografia já dispõe, hoje, de: a) — câmaras de relativa precisão; b) — lentes bem corrigidas, de grande poder de resolução e minúcia; c) — obturadores provados, eficientes e rápidos;



Os incansáveis e dedicados Mario Fiori e Renato Francesconi encarregaram-se do emolduramento, sob as vistas atentas do Alvarenga, o guarda da Galeria...



O recinto do XI Salão, foi o ponto de reunião dos aficionados paulistanos. Nos clichês acima vemos em palestra, 1) Marcel Giró, José Yalenti e Jacob Polacow (sentados) e atrás, Berel Bin e Antonio S. Victor; 2) J. Pozzi, do "Camera Club" de St. André, com os bandeirantes Guilherme Malfatti, Francisco Albuquerque e José Maria Assumpção.

d) — emulsões bem equilibradas quanto à representação, em escala monocromática, das cores do espectro solar; de sensibilidades de grande latitude ou tolerância — rápidas, médias e lentas, — como também sensíveis aos raios ultra-violeta e infra-vermelho; e) — reveladores vários para diversos fins e de acção constante; f) — iluminação de várias espécies para diversos fins; g) — papéis de várias escalas de tonalidade e de diversas superfícies. O que acima resumimos constituem "coisinhas" corriqueiras em matéria fotográfica.

Não se compreende, pelo exposto, que à salão fotográfico apresente o fotógrafo trabalho no qual objectos em movimento se não apresentem de modo distinto nas suas linhas de contorno. Se já existe modo de iluminação adequada para o registro distinto porque não há-de o "salão" exigir a melhor técnica quanto aos materiais de que já se dispõe! Quando se trata de documentário jornalístico, aceita-se, tolera-se a "coisa"; porém, para salão de "arte fotográfica", onde qualidades estéticas devem ser avaliadas sempre de acôrdo com os métodos e materiais de que já dispõe a fotografia, a "coisa" muda de feição. Afim de se evitar ou para antecipar a crítica de qualquer "entendido" é necessário que se exija sempre bom tratamento do tema — seja êle original ou não — e êste bom tratamento só se consegue com a atualização dos métodos fotográficos.

Se a fotografia já superou o nosso poder visual quanto à velocidade dos objectos ao registrar "balas" de revólver em pleno percurso e pás de ventiladores em giro veloz e outras coisas semelhantes, como se estivessem "paralizadas", porque há-de o fotógrafo apresentar fotografias

de pássaros em pleno vôo e mesmo de "gente" em movimento, de modo indistinto, borrado, como se quem os contemplasse estivesse a sofrer de más acomodações visuais? Somos de opinião de que o fotógrafo assim procedendo faz retroceder o processo fotográfico; faz abrir precedentes; faz baixar os níveis que a fotografia já alcançou como meio de expressão. O nosso parecer é de que saiate de bailarina ou pé de dançarino em movimento ou coisas semelhantes, podem-se tolerar. Dão-nos, como dizem os "entendidos", idéia de movimento. Isso, mesmo assim explicado, deve-se tolerar com certa reserva, como recurso fotográfico quando se não pode conseguir por outro modo a distinção de linhas de contorno que se desejaria.

Se até a suavização da imagem, — processo que constitue recurso fotográfico tão em voga há alguns anos, e que, quando bem empregado, ainda é bem aceito quando se trata de paisagens, marinhas, retratos de senhoras e outros assuntos que se prestam a êsse processo, — já se acha condenada por alguns grupos fotográficos a ponto de críticos já se insurgirem contra êsse processo, porque não se há-de exigir distinção nas linhas de contorno nos trabalhos fotográficos?

III

"No line in a photograph is really sharp. All lines are made up of small grains so a "sharp" line is one which is so slightly diffused that it looks sharp. This being true we understand that there is no definite line of demarcation between sharp and unsharp." (3)

Herbert C. McKay — "Stereo Photography", in "U. S. Camera", June, 1951.

A questão da granulação tem sofrido, desde os primórdios, aturados e sérios



1) As senhoras Da. Lêda Leme Salvatore e Da. Nice Prado Nuti apreciando os trabalhos expostos e 2) uma prosa animada entre a expositora Srta. Nair G. Sterenyi e Marilda F. Moreira e Luís Perisse Duarte.

estudos por parte dos pesquisadores deste setor da fotografia. Os resultados dessas pesquisas têm sido publicados e bem divulgados pelas revistas especializadas. Parece-nos, no entanto, que os resultados a que já chegaram constituem tarefa improfícua e inutilizada pelos "porcalhões" da fotografia. Até revistas americanas já chamaram a atenção dos fotógrafos a este respeito. Qualquer "iniciado" sabe que à distância da diagonal da fotografia não se deve perceber a granulação. Se constitui regra ignoramos; pensamos que a norma ou critério constitui mais questão visual e psicológica do que de regra. O que se observa é abuso por parte de pequeno grupo de fotógrafos que não quer a boa norma. Qualquer "sopa" serve para revelar; uma vez revelado o filme, qualquer área do mesmo, embora pequena em relação ao filme, amplia-se, infringindo-se, assim procedendo, o critério aludido. Tais fotografias obrigam, a quem as contempla, para as bem apreciar, a recuo além das acomodações visuais habituais.

Se partirmos do princípio de que se à fotografia, submetida à comissão de seleção de um salão, dermos acabamento padronizado e adequado aos moldes atuais, e esta sofrer rejeição, isso significará apenas que os padrões "artísticos" do juiz — ou juízes — e do fotógrafo não coincidem.

Se há em determinado salão grande número de rejeições, sejam elas por falta de espaço, sejam por saturação de temas, sejam por quaisquer outros pretextos, deveria de haver certa equidade tanto na rejeição como nos trabalhos aceitos. De modo mais claro diremos: deveria de haver exigência; porém, esta, distribuída com retidão, de modo igual entre as diversas tendências da fotografia.

Pensamos que por enquanto ainda há muita parcialidade no que possa constituir novidade. Há, sempre, grande exigência quanto à marinhas, paisagens e outros temas de grande saturação. Não há a mínima exigência em temas de "abstração", "fotogramas" e outras tendências mais novas. Pensamos que tal critério é errôneo. A exigência deve fazer-se sentir uniformemente em todos os temas. Se fôr mal explorado — com os recursos de que dispõe, atualmente, a fotografia — rejeite-se, inapelavelmente, o trabalho fotográfico assim submetido.

A crítica pode ser destrutiva e construtiva. Pensamos que este pequeno esboço de crítica servirá de estimulante a muito fotógrafo. Se nos prestar ouvidos há-de, forçosamente, melhorar o seu trabalho. Se não prestar ouvidos ao que acima expusemos, sofrerá inúmeras rejeições, pois, pensamos nós, com razão e em boa companhia, a fotografia não deve sofrer retrocessos como meio de expressão. É para a frente que se caminha.

NOTAS

- 1) Para a maioria, o divertimento do amadorismo fotográfico consiste em conseguirmos o máximo de nós próprios, não o máximo das nossas câmaras!
- 2) A vista humana pode perceber clara e distintamente movimentos rápidos. Pode perceber distintamente aeroplanos, disputa para o campeonato de saltos ornamentais de mergulho ou automovel (de corrida — subentendido) em plena carreira.
- 3) Nenhuma linha da fotografia é realmente distinta. Todas as linhas se compõem de grãos de modo que a linha "distinta" é a que é tão levemente dispersa que parece distinta. Se isto constitui verdade entendemos que não há linha definida de demarcação entre distinção e indistinção.



"PRETO EM BRANCO"

Galliano Calliera — F. C. C. B.

2^o

Transcrito de "IRIS"

R. H. CAMPOS

Já é tradicional a exposição anual de Arte Fotográfica promovida pelo Fotocine Clube Bandeirante. A última, a décima-primeira, realizou-se, como de costume, na Galeria Prestes Maia, nos fins de setembro e durante a maior parte do mês de outubro, atingindo pleno êxito.

Note-se que o número de trabalhos inscritos, neste ano, foi menor do que no ano passado e, de acôrdo com isso, menor também foi o número de trabalhos admitidos, embora os juizes seleccionassem,

desta vez, quase 20% (259) dos trabalhos inscritos (1435) em branco e preto, ao passo que no ano passado aceitaram menos do que 15% dos 2818 trabalhos enviados em preto-branco.

Foi menor, também, o número dos países participantes — 28 — em comparação com o ano passado em que concorreram autores de 39 países.

Se há, portanto, uma redução quantitativa, qualitativamente o XI.º Salão apresentou-se perfeitamente à altura do ante-

cedente, demonstrando de novo o apurado critério de seleção dos organizadores, cujo mérito na difusão da arte fotográfica, no Brasil, não pode ser suficientemente salientado. Notamos, mesmo em círculos afastados da Arte da Câmara, um vivo interesse pela exposição, devendo-se destacar que o catálogo bem feito, quando apresentado por nós a amigos, nunca deixou de atraí-los aos salões da Galeria Prestes Maia.

Observaram-se, na exposição, variadas tendências de modo que ao apreciador atento foi dado colher uma impressão geral das pesquisas estéticas que se realizam, atualmente, nas diversas regiões do globo. Em certos países ou em certos clubes fotográficos predomina o "assunto", uma concepção literária da arte fotográfica, o desejo de "narrar uma história" através da imagem, muitas vezes através do uso de símbolos sugestivos. Outros procuram apanhar e comunicar aquilo que os alemães chamam uma "Stimmung" — a atmosfera imponderável do momento fugidío ou a disposição por assim dizer anímica do mundo inanimado; ainda outros, mais formalistas, devotam-se a pesquisas puramente estéticas, à procura de perfeitas composições abstratas, combinações de luzes e sombras, linhas e volumes. Particularmente neste terreno o resultado tem sido magnífico e sumamente expressivo.

De qualquer modo, tôdas as tendências parecem-nos legítimas e cada uma tem a sua razão de ser, mas também os seus perigos específicos. A tendência literária facilmente descamba para a pieguice e banalidade, os caçadores de "Stimmung" muitas vezes são vítimas de um sentimentalismo barato e os "abstracionistas" tendem, frequentemente, para o cliché fácil, repetindo, pela milésima vez, determinada curva e determinada composição, com ligeiras variantes no que se refere à iluminação, ao ângulo e ao corte. Precisamente a arte "abstrata" é mais difícil do que os outros gêneros, já que ela é a mais suscetível de tornar-se terreno do cabotinismo. Ela também convida, facilmente, para tomar certa atitude de levandade na solução dos problemas, pois o artista que se mantém na esfera puramente abstrata, geométrica, do esteticismo, não tem de vencer o pêso anestético do assunto, cuja resistência ao tratamento estético muitas vezes exige uma luta árdua, por parte do autor, para submetê-lo às categorias da arte.

Em face da seleção bastante rigorosa, feita por parte dos organizadores, é difícil mencionar os nomes e trabalhos que, ao nosso ver, sobressaem. Diante do nível

em geral bastante alto dos trabalhos somente se pode tratar de uma preferência pessoal, consequência, quase sempre de predileções subjetivas.

Impressionaram-nos os trabalhos de Mauricio Ruch Almeida (Negrinho, Além da Rêde) e de Eduardo Ayrosa (Curvas, Retrato). Interessante, embora não perfeito, o "Preto em Branco" de Galliano Galiera. De Bohuslav Burian (Tchecoslováquia) agrada em particular "In Fever". Ótima a contribuição de S. K. Chan (Hong-Kong). "O Passado" e "Totem", de Oldar Froes da Cruz, revelam um belo talento e trabalho particularmente original na sua concepção é a "Convergente" de A. Florence, devendo-se dizer o mesmo de "Capela em Interlagos", de Renato Francesconi. Razoável o trabalho de Jorge Fridman (Argentina), "Antes da Partida". De Marcel Giró admiramos "Árvore" e "Lama" e, de um modo particular, o belo "Impacto" de Roberto de Godoy Moreira, excelente na sua concepção e execução, no aproveitamento dos contrastes de branco e preto e no corte. De delicada sensibilidade e apuro técnico os três trabalhos de Ann-Marie Gripmann (Suécia), cujo bebê com o delicioso pormenor da bolhazinha nos lábios é encantador, embora se deva acrescentar que em trabalhos de tal gênero é mais o assunto do que propriamente o tratamento fotográfico que encanta. Annemarie Heinrich, no seu "Retrato de Maria Carmen", talvez tenha forçado, em demasia, a nota, no que se refere à iluminação. A colaboração de Kan Hing-Fook (Hong-Kong) é de nobre pureza e revela a sensibilidade estética tão peculiar às contribuições daquela parte do globo. Excelente os três trabalhos de Kazuo Kawahara, entre os quais se distingue "Vitrina de Domingo"; revelador de uma câmara vigorosa é "Dansa Africana" de Ed Keffer. Belas as contribuições de Jean Lecocq ("O N 10"), devendo-se destacar "Palmas" de German Lorca. "Un Jour de Neige" de M. Desertaux chama a atenção, entre as paisagens, enquanto M. Laert, cujo "Neon na Poça", no ano passado, revelou um belo talento, agrada também desta vez com "Balcões" que, na sua concepção, relembra o "Batalhão Fantasma", que Orlando P. Duarte expôs no ano passado. Um belo retrato é "Autoctono", de Elio Rodriguez Marquina (Argentina). James A. Mac Vie (Canadá) brilha especialmente com "Lady of the Lak" e da mesma forma Ivan Medar (Yugoslávia), com o "Sirossko". Bastante literário, mas bem elaborado, "If I am great only", de Peter Michael Michaelis (Alemanha). Lowell Miller (Estados Unidos), de quem já

admiramos na última exposição o magnífico "Blue Cristal", distingue-se de novo com as suas belíssimas composições de cristais, equiparando-se-lhe, Eigiryo Sato com as três taças de "Tonalidade". A colônia nipo-brasileira contribuiu fartamente com excelente trabalhos como "Lavadeira" de Chosaku Nakajima. "New of Fantasy" e "Mão", do talentoso Tanetaka Okada, e "Visão" e "Musa" de Masatoki Otsuka. "A Tarde de Névoa", de José Oiticica Filho, dá-nos uma bela "Stimmung" e as contribuições de Angelo F. Nuti, "De Braços cruzados" e "Reflexos", este último especialmente agradam bastante. Boas as contribuições de Adolf Rossi (Tchecoslováquia) — "Whirl of Snowflakes" e "In the Whirl of Dance", bem como "Intermezzo", de Ivo Ferreira da Silva, de quem se vêem também boas fotos abstratas. "Régua e Lapis", de José Pires da Silva, é uma boa composição e como expressão de uma bela sensibilidade lírica, um tanto sentimental, devem constar as colaborações de G. Snoeck (Bélgica), com o seu "Sunshine" e "Avard Stemming". Da Bélgica veio ainda o belo "Watching Wings", de J. Borrenbergen. Simplesmente detestável pareceu-nos o "S. O. S.", de Francisco Sobrino (México), devendo-se atribuir a presença desse trabalho sem gosto e sem graça a um cochilo do júri. É admirável, em compensação, "Onda" de Tsuyoshi Takatori e o mesmo diremos de "Estudo" e "Milhos" de Sadayoshi Tamura. Magistral, em particular, "Estudo", em que o máximo de sobriedade se une ao máximo de elaboração sábia, discreção da iluminação e inteligência do corte, utilizado para dinamizar pela disposição oblíqua os objetos inanimados. Digno de nota também, mais pelo assunto do que pela execução, "Casa di Periferia" de Giuseppe Tarsini (Itália). Salientamos que na Itália está grassando uma epidemia de fotos em "High Key", muitas vezes de belo efeito; repetida, contudo, com tamanha insistência, a técnica se torna um tanto monótona

e revela uma mania transformada em cliché. De Hong-Kong vieram ainda as contribuições de Daisy Wu, Lay-Fung e Francis Wu, bem como de Pun Yet-Pore, entre as quais há algumas de grande perfeição. Deliciosas e reveladoras de um espírito dotado de ironia sutil e de fino humor as colaborações de Roberto Yoshida — "Consolação" — trabalho que já teve outro título, igualmente espirituoso, e "Salão de Belas Artes". Roberto Yoshida já brilhou na última exposição com seus trabalhos. "Schlafende Kinder" de Christine Walter (Alemanha) é um belo trabalho, embora de assunto um tanto batido; bom também o trabalho de Jack Wright (Estados Unidos), "Any Port in a Storm".

Alguns dos melhores trabalhos encontram-se fora da seleção, como contribuições dos membros do júri. Mencionamos aqui os trabalhos de Francisco Albuquerque, particularmente os "Sem Título", os quais realmente dispensam qualquer título. "Boite" e "Naquele Tempo", de Jacob Polacow, agradam sobremaneira; a "Brise Matinal", de Eduardo Salvatore, é um poema de grande beleza, digno de nota também "Esfôrço" do mesmo autor.

Um dos melhores retratos da exposição foi "Desvario" de Aldo A. de Souza Lima e dêle impressionou também "Negro". De José V. E. Yalenti distinguem-se trabalhos perfeitos como "Elevação" e "A Esmo".

Não tivemos ocasião de ver a secção "Color", certamente uma grande perda para nós, a julgar pelos nomes que constam do catálogo e que prometeram uma festa opípara para os olhos e para o espírito.

Em suma, um novo, um grande êxito para o Foto-cine Clube Bandeirante, cuja atividade, em extensão e intensidade, só pode ser adequadamente apreciada por quem sabe do grande valor que se deve atribuir à arte fotográfica como fator educacional e incentivo criador em círculos cada vez mais amplos.

Como já se tornou tradicional, o XI Salão foi comemorado com um jantar que reuniu expositores e diretores e associados do F. C. B. e que este ano foi abrilhantado com a presença do Vereador Dr. Nicolau Tuma, que vemos no cliché do centro, tendo ao lado o Presidente do Clube e o casal Francisco B. M. Ferreira.



A ÚLTIMA VISITANTE

26 de outubro de 1952... 23 horas... Encerrara-se o XI Salão! Os visitantes já haviam todos saído e a ornamentação do salão já fôra retirada. Eis que pelo portão semi-cerrado, não dando atenção aos protestos do guarda Alvarenga, entra uma velhinha, guarda-chuva numa das mãos, sacola na outra, e pôs-se a percorrer, calmamente, a Galeria... Os diretores presentes, deram ordem para que não a perturbassem e durante

meia hora aguardaram, pacientemente, que ela terminasse de percorrer a exposição. Seria interessante ouvir suas impressões... mas, como entrou saiu, sem dar atenção a ninguém. Em todo o caso aí ficou o interessante flagrante: A última visitante do XI Salão...



Concursos Internos

O Calendário para 1953

A Diretoria do F. C. C. B. já elaborou o calendário para os concursos fotográficos internos de 1953, que é o seguinte:

Janeiro	— Tema livre
Fevereiro	— Noturnos (exteriores e cenas interiores ou exteriores em ambientes públicos).
Março	— Tema livre
Abril	— Movimento
Maió	— Tema livre
Junho	— Atmosfera
Julho	— Tema livre
Agosto e Setembro	(não haverá concursos, com a realização do XII Salão Internacional de S. Paulo).
Outubro	— Cenas de bairros
Novembro	— Tema livre
Dezembro	— Fotogramas e outros processos especiais.

Diapositivos em cores — Os concursos serão bi-mensais, realizando-se em fevereiro, abril, junho, outubro e dezembro.

Como de costume, as inscrições serão encerradas no dia 20 de cada mês.

Classe de "Aspirantes" — Afim de atender especialmente áqueles que se iniciam na arte fotográfica, foi creada para os concorrentes aos concursos internos, mais uma categoria inicial, ou seja, a de "Aspirantes", cuja promoção á categoria de "Novíssimos" será obtida desde que o concorrente, no computo final dos pontos, alcance o total de 200 pontos.

Concurso "Laboratório Próprio" — Incentivando o amador á prática do laboratório próprio, paralelamente aos concursos internos, será realizado o de "laboratório próprio", cujos pontos serão computados, para promoção do concorrente á classe superior, desde que, na classificação geral daqueles, alcance o mínimo de 350 pontos.

Exposição de Francisco Albuquerque

“A JANGADA”

Bem poucos são os artistas da objetiva que se abalçaram a fazer exposições abordando um único tema, pois o risco de cair na repetição e na monotonia é deveras grande e para vencê-lo é preciso realmente ser um grande artista.

Francisco Albuquerque não teve, porém, receio de enfrentar essa dificuldade e, sob o patrocínio do Foto-cine Clube Bandeirante, nos proporcionou, na sala de exposições do Museu de Arte, uma das mais belas exposições fotográficas que já nos foi dado apreciar.

Tratando o tema A JANGADA, fê-lo o nosso “Chico” como talvez ninguém o poderia fazer melhor, já que sendo nordestino, tendo vivido a maior parte de sua vida junto aos jangadeiros, mais do que qualquer outro pode “sentir” todo o drama, tôda a luta épica do homem contra a natureza, vencendo-a apenas com a fragilidade de sua embarcação, e tendo como armas apenas a fôrça de seus mús-

culos, a resistência de seus corpos bronzeados, magros e ágeis. Mas a jangada não é só luta, onde às vêzes a natureza leva a melhor; é também poesia, os pequeninos pontos brancos manchando o azul do oceano e do céu, é também música, o vento cantando nas velas enfunadas ou nos coqueiros das praias ensolaradas do nordeste.

Tudo isso F. Albuquerque soube captar e nos transmitir com emoção, através dos cinquenta e poucos quadros de sua exposição. Ao projetá-la, não estava nas cogitações de Albuquerque, uma exposição “artística”, mas apenas um documentário sôbre a jangada, e o jangadeiro. Tal assunto, porém, rico e palpante, nas mãos de um artista como é o “Chico”, sômente poderia resultar na magnífica mostra que por certo um Cartier Bresson ou um Bert Hardy — dois dos mais notáveis documentaristas da nossa época — gostariam de assinar.

Alcançou a exposição de F. Albuquerque merecido sucesso, a ela se referindo a crítica especializada em termos os mais elogiosos:

“Francisco Albuquerque é um daqueles fotógrafos, raros em qualquer país, que á excepcional habilidade técnica alia uma visão poética que, por si mesma, é um juízo sôbre as coisas, sôbre a realidade, sôbre a natureza”.

(HABITAT, n.º 8).

*

“A atmosfera de “correspondência” que ressalta das fotografias do nosso grande artista, vai, porém, mais longe do que a afirmativa de que “as côres e os sons se respondem”; vai mais longe porque os efeitos e a fôrça estética dos motivos minuciosos e a amplitude do tema marítimo fazem o visitante sentir tôda uma série simultânea de impressões do Ceará, do Nordeste, do trópico, do hemisfério, do mundo, do tempo e da poesia... Pois, F. Albuquerque, técnico e artesão, quase pintor, poeta, músico e memorialista, tem o dom de extrair das cubas de sua câmara escura, brados de Dryden e Tennyson, de Chaucer e de Byron, de Shelley e de Conrad, de Fernando Pessoa e de Dórrival Caymmi”.

(FOLHA DA MANHÃ, 19/10/52).



Concurso "Alejandro C. Del Conte"

Magnífico êxito da representação bandeirante

Como era de se esperar, alcançou extraordinário sucesso o concurso fotográfico latino-americano promovido em homenagem à memória de **Alejandro C. Del Conte**, o insigne propugnador da fotografia e fundador do **Correio Fotografico Sudamericano**, uma das mais antigas e prestigiosas revistas do gênero, verdadeira pioneira da arte fotográfica na América do Sul.

As mais prestigiosas entidades do novo mundo participaram do importante certame que reuniu 622 obras, devendo-se notar que, nos termos do regulamento do concurso deveriam ser tôdas inéditas.

O júri foi constituído pelos conhecidos artistas-fotógrafos, Prof. Hiram C. Calogero, Dr. Hector Daniel Muñoz, Gerald S. Peacock e Fred S. Schiffer, os quais, após metucioso estudo, terminaram por admitir para exposição apenas 169 trabalhos, adjudicando aos melhores, os prêmios previstos no regulamento.

A participação brasileira ao certame foi das mais sobresalientes, cabendo destacar especialmente a representação do FOTOCINE CLUBE BANDEIRANTE que, com 36 trabalhos admitidos, logrou obter não só o Grande Diploma e Trofeo "Alejandro C. Del Conte", conferido ao clube que apresentou o melhor conjunto coletivo, como também conquistou 10 dos 14 prêmios individuais destinados aos concorrentes estrangeiros.

Damos abaixo a relação total dêsses prêmios:

Grande Diploma e Trofeo "Alejandro C. Del Conte": ao Foto-cine Clube Bandeirante, por ter apresentado o melhor conjunto coletivo de obras de seus associados. Além do diploma, teve o clube o seu nome inscrito no Trofeo de Honra, que será adjudicado á entidade que obtiver o triunfo duas vêzes consecutivas ou três alternadas.

PREMIOS INDIVIDUAIS:

Grande Prêmio: Francisco Albuquerque, do F. C. C. Bandeirante — melhor conjunto de quatro obras.

1.ºs Premios: German Lorca, com "Apartamentos" e Eigyrio Sato, com "Resignado", ambos do F. C. C. Bandeirante;

2.ºs Premios: Arnaldo M. Florence, do F. C. C. Bandeirante, com "Convergente" e José Oiticica Fº., do Rio de Janeiro, com "Menina á janela".

3.ºs Premios: Ademar Manarini, com "Retrato" e Aldo A. de Souza Lima, com "1.900", ambos do F. C. C. Bandeirante.

4.ºs Premios: Renato Francesconi, com "Após o lance" e José V. E. Yalenti, com "Entre gigantes", ambos do F. C. C. Bandeirante.

5.ºs Premios: Gaspar Gasparian, com "Goiabas" e Apolo Silveira com "Vogue", ambos do F. C. C. Bandeirante; Sioma Breitman, da A. R. F. P. do Rio Grande do Sul, com Amor, sempre amor..."; Arnaldo Labatut, do Rio de Janeiro, com "Silêncio de coisas mortas", e Francisco Sobrino, do México, com "Recinto conventual".

Na categoria do país (Argentina), obteve o prêmio de conjunto, Jorge Friedman, de Buenos Aires, e os primeiros premios, Maria E. Gaibisso e Ernesto Silva; os segundos premios foram conferidos a Alex Klein e Luís Mervar e os terceiros, a Alberto Pozzi e Anatole Saderman. Foram ainda conferidos vários outros premios e menções especiais.

Na representação bandeirante, figuraram os seguintes consócios: F. Albuquerque, com "Felina", "Mão de pintor", "Arquitetura" e "Estudo de sombras". M. Fiori, com "Corredeira"; A. M. Florence, com "Convergente", "Reflexos" e "Paisagem"; R. Francesconi, com "Após o lance"; G. Gasparian, com "Silphides", "Triste fado" e "Goiabas"; M. Giró, com "Solidão", "Águas mortas" e "Cêrca"; K. Kawahara, com "Vitrina de domingo"; J. Lecocq, com "Begônia"; G. Lorca, com "Apartamentos"; A. Manarini, com "Figura" e "Retrato"; B. Mors, com "Sol e vento"; W. Hoenlohe-Oeringhen, com "Composição"; E. Salvatore, com "Mobile" e "Trabalho"; E. Sato, com "Cristais", "Perfeição" e "Resignado"; I. F. Silva, com "Pausa"; A. Silveira, com "Vogue"; A. Souza Lima, com "1.900", "Maestro Souza Lima" e "Desespêro"; N. G. Sterenyi, com "Composição"; S. Tamura, com "Ovos", e J. V. E. Yalenti, com "Entre gigantes", "Elevação" e "Energia".

★ Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-cine Clube Bandeirante ★



Excursão a Atibaia

Mais um magnífico passeio proporcionou o F. C. C. Bandeirante aos seus associados e exmas. famílias, com a excursão a Atibaia.

Dizer o que foram os três dias passados na linda e aprazível cidade serrana, sob um sol radioso, com a agradável companhia de nossa meiga consocia Srta. Dulce Carneiro, daquela cidade e que serviu de guia para a turma, e ainda com o proverbial bom humor dos bandeirantes, seria repetir pouco mais ou menos o que já dissemos de anteriores excursões.

Nesta, porém, há algo para acrescentar:

A oportunidade que tiveram os excursionistas de visitar as antigas e pitorescas vilas próximas, de Perdões e Nazareth, que ainda conservam a arquitetura e o sabor das éras coloniais e onde não faltaram motivos os mais interessantes e variados para as objetivas ávidas dos bandeirantes.

E depois, a extraordinária recepção oferecida á caravana, pelo ilustre casal Nilo Cunha, em sua magnífica e acolhedora casa de campo, nos arredores da cidade. Foi um domingo inesquecível, tante pela amabilidade e fidalguia dos anfitriões, como pelo delicioso churrasco oferecido.

Por todos êsses motivos, a excursão a Atibaia ficará gravada com letras de ouro nos anais do F. C. C. B. e nos corações dos numerosos bandeirantes que dela participaram.

— x —

Acompanham esta ligeira nota alguns flagrantes colhidos durante o belo passeio, vendo-se nos primeiros alguns bandeirantes em ação, e por último, á direita, um grupo dos excursionistas posando para o Boletim, na varanda da vivenda do Sr. Nilo Cunha que vemos, á esquerda, com sua Exma. esposa, quando preparavam o saboroso churrasco.



GERMAN LORCA

fotógrafo

AV. IPIRANGA,

1248 - 8.º - fones:
35-6451 - 9-6676

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anúncio mensal será gratuita.

ROLLEIFLEX — Vende-se uma, com Tessar 1:3,5, Rolleikin, Rolleinar I e II, filtros amarelo e vermelho, e parasol. Perfeita. Tratar com o Sr. OTHMAR, á Av. Anhangabaú 702, 8.º andar, sala 81.

GRAFLEX — Nova, 6x6 e 6x9 cms., com objetiva Kodak Ektar 4,5, 127 mm., obturador de cortina com 1/5 até 1/1.000; chassis p/film-pack, 3 chassis rígidos, adapt. p/roll-film 6x9, parasol, filtros de contraste, difusores, lentes de aproximação,

correções p/cores, etc., todos acessórios originais e bolsa tiracolo. Tratar c/ APOLO, no clube.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, tôda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc. Não aceite imitações. FONTAMAC, R. Francisca Miquelina, 190 - Fone 33-5628.

INDICADOR PROFISSIONAL F. C. C. B.

ARQUITETURA

DR. GUILHERME MALFATTI

Rua Marconi 53, 9.º and. s/904 - fone: 34-2976

DESPACHOS

GERMAN LORCA

Contador - Despachante
(cart. 6607 sp. e 257 SP)

legalização de estrangeiros no país e despachos em geral — Av. Ipiranga, 1248 - fone 35-6451.

DIREITO

EDUARDO SALVATORE

(advocacia civil e comercial)

Praça de Sé 313 - 2.º and. s/19 - fone:33-5404

JOAQUIM DA SILVA MENDES

(Advocacia Trabalhista)

Rua São Bento 181, 3.º and. - fone: 32-0012

FOTOGRAFIA

FRANCISCO ALBUQUERQUE

(Retratos, fotografia industrial, etc.)

Av. Rebouças, 1700 - fone: 8-7650

IMOBILIÁRIA

DR. ALFIO TROVATO

Rua Quintino Bocaiuva 231, 5.º and., s/34
(Transações Imobiliárias em geral)

MEDICINA

DR. ARMANDO NASCIMENTO JR.

(Molestias de Senhoras)

Av. Brigadeiro Luiz Antonio 1234
fones: 35-1899 e 32-2902

DR. FREDERICO SOARES DE CAMARGO

(Doenças do coração)

Rua José Bonifácio 250, 12.º and. - fone: 33-5424

DR. PAULO MINERVINI

(Molestias do pulmão - Raio X)

Rua 7 de Abril 176, 7.º and. - fone: 34-9614

ODONTOLOGIA

DR. CARLOS LIGER

(Cirurgião-Dentista)

Dentaduras Anatômicas, Pontes Moveis, Coroas de porcelana Jacket - Raios X.
Rua. B. de Itapetininga 50, 2.º and., s/201/208
Fone: 34-2655

SEGUROS

ALDO A. DE SOUZA LIMA

(Seguros Gerais)

Rua Boa Vista 236, 3.º andar
Fones: 32-7580 e 33-3228

J. J. ROOS

(Seguros Ramos Elementares)

Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar - S. Paulo
Fone 32-3161 (Rêde Interna)

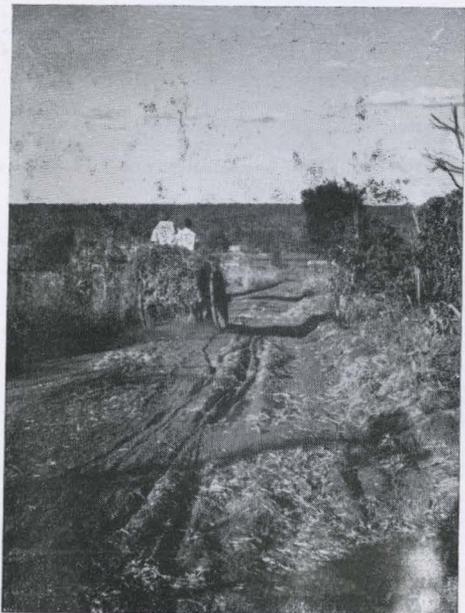
VÁRIOS

TUFY KANJI

(Camisaria Kanji - camisas sob medida - Artigos finos para cavalheiros).
Rua 7 de Abril 415 - fone: 34-8203

ORIENTANDO O AMADOR

(envie-nos uma cópia até 12 x 12, de preferência em papel brilhante, e faça a consulta que desejar).



J. G. CARVALHO - Itapira — Obrigado pelas amáveis referências a esta nova secção. Procuramos apenas ser o mais úteis possíveis aos aficionados. Neste número vamos comentar rapidamente apenas duas de suas fotografias, deixando as outras — aliás, as melhores — para a próxima publicação.

1) — Não poderá aproveitar esta chapa; os elementos estão demasiadamente confusos, a carroça se mesclando com o fundo, quando deveria se destacar nitidamente, possivelmente com um ângulo de tomada bem mais baixo, ou um desfoque acentuado do último plano, demasiadamente forte, o que seria obtido com o diafragma mais aberto. A cópia está bastante dura, o que contribue para a má impressão geral.

2) — Já aqui não encontramos senões graves, a não ser a má escolha do chão sobre o qual posou a criança. O desenho dos ladrilhos, demasiadamente fortes, distraem a atenção. Deveria ter usado um chão de cor neutra, um tapete, p. ex., liso, ou de desenhos muito tênues. No mais a fotografia é interessante e colhida com bastante naturalidade, cousa muito importante em fotografias de crianças. Quanto á cópia está também um pouco dura; um papel mais suave resultará melhor.



FUNDADA EM 1903

Fischetti & Rossi Ltda.

Casa Beethoven

MUSICAS • PIANOS
RADIOS • DISCOS
INSTRUMENTOS
PAPELARIA
REFRIGERADORES

LARGO DA MISERICORDIA, 36 - FONES 32-0303 - 33-6510 - CX. POSTAL 348 - S. PAULO



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr. \$
Joia de admissão	200,00
Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-séde própria	10,00
Anuidade (recebida somente no mês de janeiro)	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.

★

SÉDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

— S. PAULO, BRASIL



CONCURSOS INTERNOS



EXCURSÕES



SALÃO INTERNACIONAL



Você não vai
tirar...

uma fotografia minha?



"Daquí a vinte anos, papai, você ainda poderá apreciar as minhas travessuras... o meu crescimento... e eu também poderei recordar a minha infância, a minha mocidade e até mesmo mostrá-la depois aos meus filhos. Será que nem você, nem mamãe ainda não pensaram nisso? Hoje mesmo compre um bom filme... Mas, tenha cuidado em escolher o melhor para que as fotografias sejam reais e duráveis. Escolha GEVAERT filme e tire a minha melhor fotografia."

Gevaert

filmes



Chapas — Papéis

À venda nas melhores casas do ramo

14.008